

Produção e vendas cairão

Sheila Raposo e
Luciana Vieira de Sousa
Da Equipe do Correio

CORREIO BRAZILIENSE

“Se estava difícil, ficará ainda pior.” O vaticínio foi feito pelo presidente da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra), Antônio Rocha da Silva, após o aumento da taxa básica de juros da economia brasileira de 18% para 21% ao ano, anunciado ontem pelo Banco Central. Embora se refira a problemas de produção enfrentados pelo setor que a Fibra representa, a frase exprime um sentimento geral. Indústrias, serviços, comércio. Todos estão alarmados com as consequências do aumento a menos de três meses do Natal.

Para a Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio), a medida será catastrófica para o comércio e os serviços. “A expectativa em relação ao período natalino não é das melhores”, avalia o presidente da entidade, Adelmir Santana. “Aliado às medidas de enxugamento divulgadas na semana passada pelo Banco Central, esse aumento causará um impacto negativo no setor”, completa. Ainda segundo Santana, o consumo diminuirá porque as pessoas farão menos compras a prazo e terão maior resistência na hora de comprar um produto, mesmo que à vista.

A previsão do presidente do Sindicato do Comércio Varejista (Sindivarejista), Lazaro Marques, é a mesma. As vendas cairão nas festas natalinas, em relação ao mesmo período no ano passado. Da mesma forma como aconteceu no Dia das Crianças, quando

houve redução de 1,6% em comparação a 2001. De acordo com uma pesquisa feita pelo sindicato, apenas 8% das pessoas compram à vista; 30% pagam com cheque pré-datado e 62% utilizam o cartão de crédito. “Muita gente põe a dívida no cartão por-

que pode fazer somente o pagamento mínimo e adiar a quitação do débito, mas isso está cada vez mais caro”, diz Marques.

A taxa Selic é utilizada no mercado para operações interbancárias de um dia e funciona como referência básica para os juros da

economia. A elevação dos juros básicos eleva as demais taxas, cobradas pelos bancos no crédito ao consumidor ou a empresas. Crédito mais caro no mercado significa retração do consumo e dos investimentos das empresas.

Mas nem todos os consumi-

dores estão se retraiendo desde já. Com medo de pagar mais nos próximos dias, por causa do aumento das taxas de juros, a dona-de-casa Maria da Conceição Santos, 33 anos, resolveu comprar ontem mesmo uma geladeira. O negócio estava sem data prevista, mas ao chegar na loja para fazer um levantamento de preços, Conceição foi informada sobre a futura elevação dos juros. Preferiu se antecipar.

COMPRA INEVITÁVEL

O preço à vista da geladeira da marca Electrolux, 280 litros era de R\$ 675 em uma das lojas. Conceição comprou com uma entrada de R\$ 100 e mais 12 prestações de R\$ 57,80. A dona-de-casa considerou o valor alto para seu orçamento familiar. “Meu marido só ganha R\$ 330 para sustentar nossa família. Mas não temos outra saída porque a comida está estragando”, disse Conceição, que mora no Paranoá, em uma casa de dois cômodos com o marido e quatro filhos.

O vice-presidente do Conselho Regional de Economia, Roberto Piscitelli, alerta para que os consumidores evitem compras a prazo nos próximos dias, mesmo que as taxas de juros ainda não tenham aumentado. “Geralmente são compras precipitadas. Este não é um momento de contrair novas dívidas”, destaca Piscitelli.

Paulo de Araújo



MARIA DA CONCEIÇÃO TEVE QUE ACEITAR JUROS ALTOS PARA COMPRAR UMA GELADEIRA: “NÃO TEMOS OUTRA SAÍDA PORQUE A COMIDA ESTÁ ESTRAGANDO”